

# GÊNERO, SEXUALIDADE E RELIGIÃO NA AMAZÔNIA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE MULHERES RELIGIOSAS DA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS-TO<sup>1</sup>

Mariane da Silva Pisani<sup>2</sup>

Suellem de Jesus Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo do artigo é analisar as relações e as identidades de gênero entre mulheres, investigando como recriam as noções de ‘ser mulher’ a partir da doutrina religiosa pentecostal. A pesquisa, realizada entre 2019 e 2022, empregou métodos qualitativos com questionários semiestruturados. Os resultados abordam as diferenças entre mulheres “religiosas” e “virtuosas”, códigos de vestimenta, educação dos filhos, noções de orgulho e dever, influência da comunidade e reações à presença LGBTQIA+ na congregação.

**Palavras-Chaves:** Gênero; Religião; Mulheres; Homossexualidades.

**Abstract:** The aim of the article is to analyze gender relations and identities among women, investigating how they recreate notions of ‘being a woman’ based on Pentecostal religious doctrine. The research, conducted between 2019 and 2022, employed qualitative methods with semi-structured questionnaires. The results address differences between “religious” and “virtuous” women, dress codes, child-rearing practices, perceptions of pride and duty, community influence, and reactions to LGBTQIA+ presence within the congregation.

**Keywords:** Gender; Religion; Woman; Homosexualities.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Uma versão deste artigo, ainda que preliminar, foi apresentada no 44º Encontro Anual da ANPOCS, em 2020, no Grupo de Trabalho 19 intitulado Gênero e sexualidade pelo interior do Brasil: fronteiras e cartografias e coordenado pelas professoras Silvana de Souza Nascimento (USP) e Elisete Schwade (UFRN). Às professoras e demais colegas presentes no evento, nosso agradecimento pelas sugestões, dicas e considerações a respeito deste trabalho.

2 Doutora em Antropologia Social - Universidade de São Paulo. Professora Adjunta - Universidade Federal do Piauí. E-mail: marianepisani@gmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6925-4912>>.

3 Mestranda em História - Universidade Federal do Maranhão. E-mail: suellemdejesuspereira@gmail.com. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6286-8919>>.

## Introdução

O objetivo deste artigo é descrever e analisar como as relações de gênero são vivenciadas pelas mulheres religiosas moradoras da cidade de Tocantinópolis, bem como compreender como as mesmas recriam à categoria “mulher” a partir da doutrina dogmática. Os dados aqui apresentados são frutos das pesquisas realizadas entre os anos de 2019 e 2022, pelas então pesquisadoras do Grupo de Pesquisa em Antropologia Social e Interseccionalidades (ANTROPOS), durante a vigência de dois projetos de pesquisas

Durante o desenvolvimento das atividades do projeto de pesquisa intitulado “Gênero, corpos, sexualidades e etnicidade: sociabilidades e identidades na cidade de Tocantinópolis/TO”, o coletivo de pesquisadoras buscou discutir como os marcadores sociais da diferença – a partir das categorias como gênero, sexualidade, raça e etnicidade – operam e configuram diferentes formas de sociabilidades e corporalidades, sobretudo no que tangencia a produção de identidades e subjetividades em cidades de pequeno porte da região norte do estado do Tocantins, em especial na cidade de Tocantinópolis. Dessa forma, cada integrante foi, pouco a pouco, optando por temáticas que pudessem articular as categorias analíticas supracitadas.

De março de 2019 a março de 2020, delinearam-se alguns campos de pesquisa possíveis. Algumas integrantes optaram por estudar e pesquisar as Quadrilhas Juninas da cidade, com o intuito de evidenciar como os marcadores de gênero e sexualidade se interseccionam neste espaço de festa e lazer (Santos, 2019). Outras, por sua vez, empenharam-se em acompanhar estudantes indígenas do campus universitário da cidade, sendo que o objetivo principal era evidenciar como as categorias de etnicidade e gênero operam no ambiente acadêmico (Pisani, 2020). Da mesma forma, uma das integrantes iniciou, em 2019, uma pesquisa sobre os impactos da violência doméstica entre mulheres moradoras da cidade de Tocantinópolis e defendeu seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a temática no ano seguinte (Silva, 2020). Houve outras integrantes, por sua vez, que optaram por investigar quais eram as articulações entre gênero e religião na cidade (Pereira, 2019; Pereira, Pisani, 2020).

Findado o primeiro projeto de pesquisa do ANTROPOS, outro projeto foi iniciado. Dessa forma, desde março de 2020 até abril de 2022, as pesquisadoras e pesquisadores vinculadas(os) ao Grupo de Pesquisa atuaram no projeto “Leituras em marcadores sociais da diferença e suas interseccionalidades: questões de gênero, raça e etnicidade, corpo e sexualidades”. O objetivo era ampliar e intensificar as leituras sobre as

categorias analíticas evidenciadas nas primeiras pesquisas do ano de 2019, e de alguma forma ampliar o espaço geográfico de pesquisa empírica.

Neste novo projeto de pesquisa, iniciaram-se novos empreendimentos que também resultaram em Trabalhos de Conclusão de Curso como, por exemplo, a pesquisa sobre as técnicas de venda dos feirantes de Porto Franco, Maranhão (Ramos, 2021); a investigação das relações sociais e fricções interétnicas entre indígenas Apinajé e não indígenas nos campeonatos de futebol de Tocantinópolis (Dias, 2021); e o estudo sobre a presença de homens na educação infantil em Tocantinópolis (Ferreira, 2021). Além disso, pesquisas iniciadas em 2019 foram retomadas e, por sua vez, também resultaram em TCCs. É o caso do trabalho desenvolvido com mulheres religiosas na cidade de Tocantinópolis (Pereira, 2022).

Importante destacar que retomar os trabalhos de graduação produzidos no contexto daqueles projetos de pesquisa constitui um movimento crucial para aprofundar e expandir o conhecimento existente, corrigir possíveis lacunas e atualizar os dados à luz de novas realidades, sobretudo quando falamos de cidades interioranas das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Esse processo enriquece o fazer científico, promovendo uma contínua reflexão crítica e inovação teórica e metodológica, especialmente nas universidades do interior do Brasil, onde a pesquisa pode responder diretamente às necessidades e particularidades locais, valorizando e fortalecendo a diversidade cultural, social e econômica dessas regiões.

Ainda nesse sentido, no contexto das universidades do interior, o exercício de resgatar as pesquisas realizadas no âmbito da graduação nos permite evidenciar como se dá a formação dos discentes a partir de práticas de pesquisa que estão intrinsecamente enraizadas nas realidades, vivências e experiências locais. Por fim, mas não menos importante, esse resgate nos auxilia na inclusão de novas perspectivas epistemológicas no cenário acadêmico nacional – e quem sabe internacional –, dando visibilidade a questões que muitas vezes são marginalizadas e fomentando a construção de soluções adaptadas aos contextos específicos dessas comunidades.

Desta forma, neste artigo iremos descrever e analisar como as relações de gênero são vivenciadas pelas mulheres religiosas moradoras da cidade de Tocantinópolis, bem como compreender como as mesmas recriam a categoria “mulher” a partir da doutrina dogmática. Além disso, durante a pesquisa, pudemos vislumbrar como elas percebiam as pessoas LBGTQIAP+ que porventura frequentassem o espaço de suas congregações. O intuito é constatar se existe, ou não, uma percepção que extrapola as bases biológicas de diferenciação entre “homens” e “mulheres”, bem como compreender quais

são as permissões e negações sobre as sexualidades advindas por influências e percepções da religião. As mulheres que participaram dessa pesquisa, entre os anos supracitados, eram em sua maioria evangélicas. Sendo que a Assembleia de Deus foi a congregação que teve mais representantes nas entrevistas.

## 1 Aportes Teóricos e Metodológicos

A pesquisa apresentada foi desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, sendo dividida em três etapas distintas. A primeira etapa ocorreu ainda no início da pesquisa, e consistiu no levantamento bibliográfico – em bancos de teses, dissertações e artigos – sobre materiais que discutissem a temática e os conceitos de “gênero” e “religião”. O objetivo nesta etapa consistia em, a partir das leituras, subsidiar as discussões coletivas no grupo de pesquisa, auxiliar as pesquisadoras na elaboração dos questionários que seriam aplicados futuramente e apoiar nas análises dos dados subsequentes. A partir das leituras, elegemos como objetivo analisar como as relações de gênero são vivenciadas pelas mulheres religiosas moradoras da cidade de Tocantinópolis, bem como compreender como elas recriam a categoria “mulher” a partir da doutrina dogmática.

Sobre o levantamento bibliográfico realizado cabe dizer que o conceito de gênero, de acordo com Ana Gabriela Macedo e Ana Luiza Amaral, abarcou inicialmente as diferenças de estilos literários, bem como distinções no plano gramatical, entre masculino e feminino. Macedo e Amaral nos mostram, posteriormente, que por influências de teóricas feministas anglo-americanas o conceito de gênero passou a ter outras representações: “passaria a definir-se em relação ao sexo e a significar a construção social ou cultural daquele” (Macedo; Amaral, 2005, p. 87). Dessa forma, “gênero” é aqui compreendido conforme o que diz a antropóloga Pisani:

O gênero é um dispositivo poderoso e determinante na construção das subjetividades. É a partir dele que os indivíduos vão se comportar de acordo com o que é esperado deles. É no processo de socialização, desde a infância e por toda a adolescência **(e durante a vida adulta)**, que construímos a identidade de gênero. [...] Por se tratar de um processo de aprendizado que vem desde a infância, homens e mulheres se comportam na vida adulta conforme as demandas sociais e culturais que os moldam (Pisani, 2015, p. 54, grifo nosso).

Ainda nesse sentido, no que diz respeito à categoria de gênero, sobretudo quando pensada em relação à religião, podemos recorrer ao trabalho de Oliveira e Enoque (2020), quando os mesmos nos dizem que:

Aprender as estruturas de gênero vai além do debate do seu conceito. As relações estabelecidas, e naturalizadas, oriundas da carga imposta a ele, perpetuam-se nas significações e normas sociais, criando espaços e dinâmicas que corroboram com a manutenção de sua identidade fixa. A partir desta problemática, surge a compreensão de que gênero se configura como um conceito relacional, que pertence às relações sociais e tem sua significação nas relações de poder (Oliveira, Enoque, 2020, p. 2).

Podemos afirmar que tanto Pisani (2015), quanto Oliveira e Enoque (2020), se amparam no que comenta a historiadora Joan Scott, “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995). De acordo a historiadora Scott:

O termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Trata-se de uma forma de referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 1995, p. 75).

Scott, por sua vez, faz uma análise histórica do termo, evidenciando as implicações políticas e epistemológicas que o conceito tem proporcionado ao mundo acadêmico. Scott, reforça que falar sobre gênero não deve significar apenas narrar histórias das mulheres. É imprescindível ir além, é preciso, portanto, utilizar gênero enquanto categoria de análise, detentora de implicações e disputas de poder. É neste sentido que a categoria de gênero é utilizada neste artigo.

Ainda sobre o levantamento bibliográfico realizado no primeiro momento da pesquisa, o conceito de Religião também figurou como interesse central desde o seu início. Dessa forma, compreendemos que o conceito de Religião pode ser entendido – de maneiras distintas – a partir dos autores clássicos das Ciências Sociais como, por exemplo, Durkheim, Marx e Weber.

[...] Durkheim, numa abordagem funcionalista dos fatos sociais, atenta-se ao papel que a religião desempenha na coesão social, concluindo que ela é uma projeção da própria sociedade, criada por ela mesma. Já o materialismo histórico adotado por Marx

deixa-o atento à produção social e o faz assumir que, como produto social, a religião é um aspecto alienante do conflito de classes. E Weber, por sua vez, buscando interpretar a ação social do indivíduo por meio de um método compreensivo, tem a religião como um aspecto que pode determinar a ação (Rodrigues Costa, 2007, p. 19).

Ou seja, para o sociólogo francês Émile Durkheim, a religião proporciona a coesão social. Ela dita comportamentos morais, os quais são exercidos por seus fiéis, causando assim efeito coercitivo por ser coletivamente praticado. Já para o sociólogo e economista alemão Karl Marx, a religião poderia ser compreendida a partir do termo ideologia. Para o autor ideologia seria o modo através do qual a religião tende a mascarar a realidade social dos indivíduos, de forma alienante. Por fim, para o economista alemão Max Weber, a religião influencia a ação social do indivíduo. Em uma das suas obras mais importantes, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (1905), o mesmo buscou interpretar a ação coletiva dos fiéis calvinistas. Para alcançar a salvação era necessário provar sua fé através do trabalho e do acúmulo financeiro decorrente deste. Ou seja, os adeptos calvinistas deveriam trabalhar para sua subsistência e abdicar do ato de gastar, seria necessário poupar para garantir a salvação divina.

Nos dedicamos aqui, com profundidade teórica, na concepção de Durkheim, já que o mesmo se dedicou a pesquisar e estudar as primeiras formas das manifestações religiosas que se originam da necessidade humana em conferir explicações aos fatos até então desconhecidos. Segundo o autor, as sociedades “primitivas” foram as primeiras a criarem formas, objetos e maneiras de compreenderem a realidade vivida. Da mesma forma, são essas sociedades “primitivas” que criaram deuses e deusas para explicarem fenômenos da natureza, que precisavam de ordenamento lógico para sua compreensão.

[...] Dizemos de um sistema religioso que ele é o mais primitivo que nos é dado observar quando preenche as duas condições seguintes: em primeiro lugar, se encontra em sociedades cuja organização não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade; é preciso, além disso, que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum elemento tomado de uma religião anterior (Durkheim, 1996, p. 5).

Durkheim, nos mostra que as religiões são fatos sociais, criados por homens e mulheres e que servem para ordenar questões que até então eram desconhecidas pelos indivíduos e seus respectivos grupos sociais. Ou seja, para o autor, ao longo do tempo diferentes sociedades encontram formas

distintas de explicar e categorizar o mundo vivido. Essas explicações possíveis são formuladas, dentre tantas outras possibilidades, através de técnicas do corpo, preceitos, interditos, mitos, ritos, rituais, rezas, fé, eficácia, deuses e deusas. Esses(as) últimos(as), por sua vez, podem possuir especialidades e eficácias distintas: deuses(as) do raio, deuses(as) do amor, deuses(as) da morte, dentre outros.

Ainda segundo Durkheim, as bases da grande maioria das religiões existentes giram em torno de categorias dicotômicas como, por exemplo, profano e sagrado. O profano seriam os comportamentos, ações e pensamentos que devem ser coibidos, refutados e rejeitados. Ou seja, o profano possui valores negativos dos quais os indivíduos devem se distanciar, guiando suas práticas no sentido oposto. Já o sagrado, por sua vez, é a prescrição a ser seguida e alcançada. É no reino do que é considerado sagrado que reside a possibilidade da comunhão com o(s) Deus(es/as). Dessa forma, os comportamentos, as ações e os pensamentos considerados sagrados são estimulados e desejados. Os indivíduos devem, portanto, orientar suas práticas cotidianas naquilo que dita o sagrado, atribuído como valor positivo. Durkheim nos mostra ainda que todas as religiões são marcadas por práticas coletivas. Ou seja, homens e mulheres de um mesmo grupo, quando pertencentes à mesma religião, partilham das mesmas ideias sobre o que é sagrado e o que é profano; e essas categorias por sua vez moldam a individualidade e a coletividade dos seus praticantes.

A partir da leitura dos autores clássicos das Ciências Sociais, pudemos perceber que a necessidade de explicar o mundo, faz com que as sociedades criem sistemas religiosos que vão atribuir valores éticos, morais e de controle às relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, distinguindo práticas e condutas tidas como profanas e sagradas. Neste artigo, é extremamente importante pensar como gênero e religião se articulam enquanto categorias históricas e analíticas. Uma vez que ambas as categorias preconizam e determinam formas de ser, agir, pensar e existir no mundo. Então, nosso objetivo é mostrar como as categorias gênero e religião aparecem intimamente articuladas na vida de um grupo de mulheres moradoras da cidade de Tocantinópolis, norte do estado do Tocantins.

Assim, para além das leituras sobre gênero e sobre religião, fomos atrás de trabalhos que abordassem esses marcadores sociais da diferença de maneira interseccional (Crenshaw, 1989; Collins, Bilge, 2021). Foi possível encontrar uma gama de trabalhos, sobretudo na grande área de Ciências Sociais. Destacamos aqui, como um ponto de partida, o estado da arte realizado pelos pesquisadores Oliveira e Enoque (2020). Para os autores é fundamental compreender a especificidade do cenário religioso e sua relação

com questões de gênero a partir de diferentes perspectivas, assim eles realizam um mapeamento das produções brasileiras sobre a temática:

○ que se vê expressivamente é a tratativa das questões das representações de gênero nos meios de comunicação utilizados pelas instituições [...]; o desenvolvimento e a trajetória feminina nas religiões [...]; e, de maneira mais gradual, surgem os estudos que tratam especificamente da ideia de gênero [...]. São também encontradas pesquisas que relacionam as questões religiosas, de gênero e sexualidade [...]; epistemologias feministas e novas interpretações do fenômeno religioso [...]; e estudos que abordam a questão do gênero relacionada à classe e raça [...]. O que se constata é que o campo de estudo que inter-relaciona as questões de gênero e religião está avançando gradativamente e, abrangendo, em si, interessantes perspectivas e direções (Oliveira, Enoque, 2020, p. 2-3).

Este artigo, portanto, está localizado entre as pesquisas que relacionam as questões religiosas, de gênero e sexualidade. Necessário destacar que uma pesquisa que relaciona questões religiosas, de gênero e sexualidade no contexto de Tocantinópolis, uma cidade localizada no interior do Brasil, se faz relevante na medida em que busca compreender as dinâmicas sociais específicas dessa localidade. A pesquisa conduzida, que agora se traduz neste artigo, nos permitiu revelar como as identidades, as subjetividades e as relações sociais são moldadas por influências religiosas particulares, frequentemente invisíveis nas grandes narrativas urbanas. Dessa forma, a partir dos dados apresentados aqui pretendemos enriquecer o debate acadêmico com perspectivas de pesquisa contextualizadas e parcialmente localizadas (Haraway, 1995).

A segunda e a terceira etapa consistiram na aplicação de questionários. Na segunda etapa da pesquisa consistiu na construção de um questionário no Google Forms; ou seja, as autoras uniram-se para pensar uma série de questões que poderiam ser interessantes e que ajudariam a desvelar as maneiras pelas quais as mulheres religiosas pensavam o conceito de “mulher”, bem como as relações de gênero advindas dessa conceituação de uma perspectiva da própria religião. Após a construção dos questionários, as autoras solicitaram, via contato de WhatsApp à algumas conhecidas para que elas respondessem algumas perguntas através daquela ferramenta. Nessa primeira etapa pudemos contar com 18 (dezoito) participantes; as respostas delas foram cuidadosamente compiladas e analisadas. A partir dessa análise constatou-se a necessidade de aplicação de um outro questionário, agora mais específico. Este precisaria ser reformulado e conter perguntas mais direcionadas sobre as relações de gênero no contexto da religião.

Na terceira etapa da pesquisa, um segundo questionário foi elaborado. Este tinha como objetivo principal compreender como as categorias de gênero e religião aparecem intimamente articuladas nas vidas das mulheres. Este segundo questionário foi aplicado, ainda em 2019, de maneira presencial, o que consequentemente transformou o momento de aplicação do questionário em uma entrevista semidirigida. Nessa segunda etapa de pesquisa, 23 (vinte e três) mulheres participaram sendo que algumas delas já haviam participado da primeira etapa de pesquisa. Todas responderam às questões individualmente. Precisamos ressaltar ainda que durante a segunda etapa da pesquisa, caso as interlocutoras não tivessem total compreensão da pergunta, as entrevistadoras explicavam em seus pormenores. Da mesma forma, caso as entrevistadoras não compreendessem a resposta da interlocutora, solicitávamos mais explicações a fim de complementar o questionário.

As 23 mulheres entrevistadas na segunda parte do trabalho moram em um bairro recém criado na cidade de Tocantinópolis, região norte do estado do Tocantins. O bairro em questão nasce como um espaço para abrigar aquele(as) que não possuíam moradia própria. A configuração econômica do bairro é relativamente diversificada, no entanto, sua grande maioria pode ser definida como pertencentes às classes economicamente desfavorecidas. Por motivos de ética e de segurança das interlocutoras dessa pesquisa, manteremos o nome do bairro bem como o nome das mesmas em total anonimato.

Durante a aplicação dos questionários e a condução da entrevista pudemos perceber que a maioria das mulheres se declararam frequentadoras da Igreja Evangélica, de orientação pentecostal, especialmente da Assembleia de Deus. Do total de 23 entrevistadas, cinco afirmaram serem pastoras. Contudo, apenas uma possuía formação na área, enquanto as outras utilizavam-se do título do marido para assim serem designadas.

Entendemos que essa pesquisa se justifica na medida em que na configuração da sociedade brasileira tanto a categoria de gênero, quanto a categoria religião exerceram, e ainda exercem, grande influência na construção dos papéis considerados adequados aos homens e mulheres. Nos quais as últimas foram ensinadas através do tempo, a partir da perspectiva cristã, a subjugarem-se ao patriarca da família, seja ele o pai, o marido ou mesmo um homem mais velho (irmãos, tios). Apesar das muitas conquistas políticas, influenciadas em sua maioria pelo movimento feminista, bem como as intensas transformações culturais, muitas mulheres religiosas ainda repetem esse padrão de subordinação à igreja e ao modelo patriarcal de

arranjo familiar. Logo essa pesquisa se propõe a evidenciar como as relações e as identidades de gênero são articuladas pelas mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis.

## **2 As relações e as identidades de gênero advindas da compreensão do que é “ser mulher” para mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis**

Os dados aqui apresentados são fruto das compilações feitas nos dois questionários, da segunda e da terceira etapa de pesquisa, aplicados pelas pesquisadoras. Cabe ressaltar que as palavras ou frases que estiverem entre aspas duplas fazem referência às falas, expressões e/ou termos empregados pelas interlocutoras. Já as palavras ou frases que estiverem entre aspas simples fazem referências às perguntas das pesquisadoras.

Uma das primeiras perguntas que fizemos às nossas interlocutoras foi: “O que é ser mulher?”. A grande maioria delas respondeu conferindo a sua existência uma atribuição divina. Ou seja, para elas ser mulher é um privilégio concedido por Deus, que deveria vivenciado com admiração. Ainda nesse sentido, para nossas interlocutoras “ser mulher é exercer com competência várias funções no lar”, da mesma forma ser mulher é “ser boa mãe, esposa, companheira, amiga e avó”. Ser “adjutora do lar” também foi um uma expressão que surgiu nos discursos das interlocutoras quando questionadas sobre o que era ser mulher. À “adjutora do lar” caberia o papel de amenizar conflitos internos do espaço doméstico em prol de manter o ordenamento. Ainda sobre esse termo êmico, estariam incluídos os cuidados com para com o marido. Dessa forma elas descreveram as seguintes ações: auxiliar o esposo; sempre tentar animá-lo em momentos difíceis; não o atormentar com problemas domésticos; não estimular brigas de casal.

Houveram algumas entrevistadas que afirmaram nunca ter parado para refletir sobre o significado de ser mulher. Duas delas recorreram aos maridos pedindo conselhos nesta resposta em particular. As respostas destas foram no sentido de informar que “ser mulher” é “ser esposa, companheira, amiga, boa mãe”. Podemos afirmar que nenhuma das respostas dadas pelas interlocutoras, seja nos questionários do Google Forms ou nas entrevistas presenciais, foram em tom de voz pesaroso ou mesmo negativo. Havia entre elas o sentimento de orgulho de “ser mulher”, sobretudo mulher religiosa, bem como uma forte sensação de dever, a partir deste lugar, para com a família. Podemos afirmar a partir dos relatos, portanto, que “ser mulher”, para as interlocutoras desta pesquisa é sinônimo de manter a estrutura e o equilíbrio da família nuclear.

Os dados revelam que as mulheres religiosas em Tocantinópolis percebem e recriam a categoria “mulher” a partir de uma perspectiva que engloba crenças e doutrinas religiosas. Para elas, ser mulher é considerado privilégio divino e sagrado, o que implica em um conjunto específico de responsabilidades e comportamentos que incluem ser uma boa mãe, esposa, companheira e adjutora do lar. Esta definição também é moldada pela necessidade de manter a harmonia e o equilíbrio familiar, refletindo uma naturalização das normas de gênero que enfatizam características como a subserviência e o cuidado enquanto características da mulher. As interlocutoras ao descreverem suas funções em termos de apoio emocional e gerenciamento doméstico, recriam a identidade feminina dentro de um quadro religioso que valoriza a devoção, a competência doméstica e o sacrifício pessoal, reforçando assim uma visão tradicional e conservadora de gênero.

Quando questionadas sobre “quais são os cuidados que a mulher religiosa deve ter com seus filhos”, elas foram assertivas em comunicar que “cabe à mãe o dever de aconselhar os filhos”. Ou seja, a mulher religiosa que é mãe “precisa ser exemplo” e ensinar a direção que os filhos e filhas devem seguir. Essa direção e caminhos que devem, necessariamente, estar relacionados à doutrina da Igreja, pois “educar é ensinar nos caminhos que eles devem andar servindo a Deus”. Caso a mãe não seja um exemplo para seus filhos, ela não terá legitimidade para direcioná-los e estará exposta aos questionamentos. Elas disseram ainda ser de extrema importância “cuidar” de suas falas em frente aos mesmos. Posto que os “pais, não irrite seus filhos, antes criem-nos segundo a instrução e os conselhos do Senhor”. A interlocutora em questão buscou em um versículo bíblico – Efésios, capítulo 6, versículo 4 – a resposta para a pergunta realizada pelas pesquisadoras.

A partir das respostas das interlocutoras, foi possível perceber que a educação e orientação dos filhos são percebidas como responsabilidades centrais das mulheres e devem ser pautadas a partir de prescrições religiosas. Assim, as entrevistadas enfatizam que a mãe deve ser um exemplo de comportamento e moralidade, guiando os filhos nos caminhos da fé e assegurando que sua educação esteja alinhada com os ensinamentos da igreja. Essa responsabilidade envolve não apenas a transmissão de valores religiosos, mas também a vigilância sobre suas próprias ações e palavras para manter a autoridade moral perante os filhos. Isso fica evidente quando do uso de versículos bíblicos para justificar a integração da fé na vida cotidiana e a importância de cumprir os preceitos religiosos para assegurar a legitimidade e a autoridade parental. Dessa forma, as mulheres religiosas assumem o papel de guardiãs da fé e dos valores familiares, reforçando a continuidade da tradição religiosa e da coesão familiar.

Outra pergunta realizada pelas pesquisadoras foi “o que significa ser mulher religiosa/virtuosa dentro e fora do espaço religioso?” e junto desta pergunta outra que servia de complemento também foi empregada: “existe algum código de vestimenta/maquiagem adequado a ser seguido pela mulher religiosa/virtuosa dentro e fora do espaço religioso?”. Segundo algumas entrevistadas “nem sempre uma mulher religiosa é uma mulher virtuosa”. Nesse sentido, 8 (oito) entrevistadas distinguiram a diferença entre mulher “religiosa” e mulher “virtuosa”.

A mulher “religiosa” seria aquela que pode ser vista perante a comunidade como uma pessoa que segue os princípios religiosos, tanto em seus ensinamentos quanto no comparecimento na igreja. Seria aquela que “não desvia o seu olhar ou caminha em direção a outros espaços”. É aquela mulher que “está sempre ancorada na palavra de Deus”. Além de ser uma mulher bondosa, que edifica o seu lar, é exemplo dentro e fora do espaço religioso. Uma das interlocutoras afirma: “Os outros precisam ver em mim o Espírito Santo”. Já a mulher “virtuosa” é aquela que edifica o seu lar, ameniza os problemas que porventura apareçam. É uma mulher que “é temente a Deus nas atitudes e comportamentos”, da mesma forma “tem que saber ouvir o marido e também o aconselhar em eventos futuros”. É aquela que sempre se dispõe em resolver tudo, seja em casa, com o companheiro e/ou com os filhos. Além disso, é uma mulher serva de Deus: “temente a Deus, submissa, obedece aos mandamentos do Senhor”.

As respostas das interlocutoras destacam que existe uma distinção significativa feita pelas entrevistadas entre ser uma mulher “religiosa” e uma mulher “virtuosa”. Enquanto a mulher religiosa é apontada como aquela que segue rigorosamente os princípios religiosos e é assídua nas práticas e ensinamentos da igreja, a mulher virtuosa é caracterizada por qualidades adicionais que incluem a bondade, a capacidade de edificar o lar e a habilidade de aconselhar e ouvir o marido. A mulher virtuosa, portanto, vai além da observância religiosa, ela deve incorporar atributos e comportamentos que demonstram a devoção ao divino. Essa diferenciação sublinha uma hierarquia de valores, onde ser uma mulher virtuosa – que congrega competências domésticas e subserviência aos mandamentos divinos – é vista como um ideal mais elevado do que a mulher religiosa.

Sobre os códigos e padrões de vestimenta e de maquiagem que elas usam podemos afirmar que as respostas foram consensuais entre as interlocutoras. Todas declararam que deveriam se comportar de maneira a “preservar o recato e o bom senso, dentro ou fora da Igreja”. Segundo elas, “uma mulher religiosa deve manter uma postura de respeito que sirva de exemplo aos outros de

sua comunidade e que demonstre que ela obedece a Deus”. Segundo as interlocutoras, “muitas mulheres não sabem se comportar”. Ou seja, “vestem roupas que não coincidem com os ambientes em que estão”. As roupas, via de regra, precisam estar em um tamanho adequado “vestidos e saias precisam estar na altura abaixo do joelho”. Por conseguinte, as vestimentas adequadas devem cobrir o corpo: as blusas devem possuir mangas compridas; as saias devem ficar abaixo do joelho; da mesma forma deve ser o comprimento dos vestidos; caso usem blusas de alças, deveriam vestir um casaco ou algo de manga comprida que fique por cima da blusa. Para as interlocutoras esse padrão de vestimenta indica “decência e respeito dentro do espaço religioso”. É prerrogativa e um consenso entre elas que “as vestimentas não devem atrair olhares do sexo masculino”.

Sobre o uso de maquiagem as respostas também entraram em consonância, seu uso deveria ser simples e discreto. As cores, para batons e sombras de olho, devem ser claras e suaves. Brilhos, glitter e batons escuros não podem ser utilizados. Alguns afirmaram ainda que para ir à igreja não se deve utilizar qualquer tipo de maquiagem. Nestes casos, a maquiagem só deveria ser utilizada em alguma festividade ou comemoração que não fosse propriamente dentro da igreja, mas que estivesse necessariamente associada a esta.

Os códigos e padrões de vestimenta descritas pelas interlocutoras incluem o uso de roupas que cobrem adequadamente o corpo, como saias e vestidos abaixo do joelho e blusas de mangas compridas, refletindo padrões de “decência”, “modéstia”, “recato” e “bom senso” que visam evitar os olhares masculinos. Essa padronização enfatiza os papéis tradicionais de gênero que devem ser desempenhados pelas mulheres religiosas e virtuosas, tanto dentro quanto fora do espaço religioso. Assim, para além da vestimenta recatada, a maquiagem também deve ser discreta e de cores suaves, reforçando a mensagem de sobriedade e respeito. Esses códigos e padrões de vestimenta e maquiagem são seguidos pelas entrevistadas, que expressam em suas falas que a mulher religiosa e/ou virtuosa deve ser um exemplo de comportamento e obediência aos preceitos divinos, elas devem demonstrar sua fé e compromisso com a comunidade religiosa através de sua aparência e conduta pública.

A partir dos dados apresentados e das análises realizadas até o momento podemos afirmar que as relações de gênero vivenciadas pelas mulheres religiosas moradoras da cidade de Tocantinópolis são moldadas a partir de alguns eixos que estão intrinsecamente relacionados entre si como, por exemplo: percepção e recriação da categoria “mulher”; diferença entre

mulher “religiosa” e “virtuosa”; códigos de conduta e vestimenta; educação e orientação dos filhos; sentimento de orgulho e dever; influência da comunidade e da igreja.

Os dados revelam que as relações de gênero e a construção da identidade de gênero das mulheres religiosas em Tocantinópolis são profundamente influenciadas pela doutrina religiosa, especialmente aquela pregada pela Assembleia de Deus, igreja à qual a maioria das entrevistadas pertenciam à época da pesquisa. Para as interlocutoras, “ser mulher” era encarado enquanto um privilégio divino. Da mesma forma, para elas, “ser mulher” prevê o desempenho de uma série de atividades que estão associadas aos papéis tradicionais de gênero como, por exemplo: ser mãe, ser esposa e ser cuidadora do lar.

A atribuição de um caráter sagrado a essas funções reforça a conformidade com normas religiosas que prescrevem comportamentos e atitudes específicos, como ser “adjutora do lar” e manter a harmonia doméstica. Essa identidade religiosa de gênero é manifestada com orgulho e senso de dever, evidenciando como as religiões podem moldar e legitimar as expectativas de gênero, promovendo a internalização de normas que sustentam a estrutura familiar tradicional patriarcal. Ao se perceberem enquanto exemplos morais e espirituais, essas mulheres exercem um papel central dentro de casa, na relação com os maridos, na educação e orientação religiosa dos filhos, perpetuando assim os valores e práticas dentro e fora da comunidade religiosa.

### **3 Sexualidades no ambiente religioso, mais percepções sobre as mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis<sup>4</sup>**

Sobre as sexualidades, perguntamos às entrevistadas “como sua igreja lida com homossexuais?”. Pudemos perceber que esta pergunta gerou, de alguma maneira, certo desconforto entre as mulheres entrevistadas. Contudo é preciso salientar que nenhuma delas conferiu respostas que pudessem ser consideradas abertamente homofóbicas. As respostas, vieram com alguns toques de sutilezas ao evidenciar que homossexuais eram tratados como “pessoas normais” e que “eram bem recebidos na igreja, afinal todos são filhos de Deus”. Mas todas afirmaram não aceitar comportamento homossexual, considerando-o “pecado”. O argumento utilizado para justificar

---

<sup>4</sup> Assim como na sessão anterior, os dados apresentados são fruto das compilações feitas a partir das duas etapas de pesquisa: os questionários via Google Forms e as entrevistas presenciais. Da mesma forma como na sessão anterior, as palavras ou frases que estiverem entre aspas duplas fazem referência às falas, expressões e/ou termos empregados pelas interlocutoras. Já as palavras ou frases que estiverem entre aspas simples fazem referências às perguntas das pesquisadoras.

a homossexualidade enquanto “pecado” vinha das escrituras bíblicas. Para elas “Deus criou a mulher da costela de Adão para que o mesmo não ficasse só, para que este tivesse uma companheira”. Desta maneira, não era compatível que indivíduos do mesmo sexo pudessem se relacionar afetivamente ou sexualmente. Temos aqui o conceito de heteronormatividade bastante presente a atuante nas distinções entre corpos que podem ou não podem ser desejáveis (sexual ou afetivamente). A filósofa Judith Butler nos fala que:

[Este] termo normatiza as relações afetivas entre o sexo masculino e feminino, ou seja, o sexo é definido de acordo a genitália do indivíduo, diante disto, as relações amorosas só podem se encontrar a partir do sexo oposto. [...] Essa heterossexualidade institucional exige e produz, a um só tempo, a univocidade de cada um dos termos marcados pelo gênero que constitui o limite das possibilidades de gênero no interior do sistema binário oposicional (Butler, 2019, p. 52).

A partir dos dados apresentados podemos perceber que existe um conflito marcante entre a doutrina religiosa seguida pelas entrevistadas nesta pesquisa e as práticas de inclusão destas doutrinas em relação à existência de pessoas homossexuais. Embora as interlocutoras afirmem, por um lado, que os homossexuais são tratados como “pessoas normais” e “bem recebidos na igreja”, todas sustentam, por outro lado, que baseado em ensinamentos bíblicos a homossexualidade deve ser considerada um “pecado”.

Ainda sobre as sexualidades, 3 (três) das 5 (cinco) pastoras entrevistadas relataram que homossexuais (gays e/ou lésbicas) já frequentaram suas igrejas. Para elas isso não figurava como um problema, aliás, afirmaram que ficaram contentes em vê-los em suas congregações. No entanto, ao perguntarmos como eram dirigidas as pregações dos cultos em momentos que os homossexuais estivessem presentes, elas afirmavam que “devo ensinar o correto a ser seguido”. Ou seja, mostrariam como a homossexualidade e a homoafetividade são comportamentos contrário aos mandamentos de Deus. Da mesma forma, 2 (duas) das pastoras entrevistadas tiveram um discurso com teor homofóbico, comparando a homossexualidade a doenças e vícios. A primeira relatou: “a homossexualidade é como um vício, você experimenta a primeira vez, gosta, e não larga mais”. Já a segunda, quando interpelada sobre a possibilidade da visita de um homossexual a sua igreja, anunciou: “Se no dia eu estiver pregando sobre libertação ele vai ter que me ouvir”.

Este paradoxo revela a tentativa, ainda que inconsistente, de equilibrar a adesão a uma doutrina religiosa com a necessidade de apresentar uma aparente aceitação e amor cristão às diferenças. As pastoras, em particular, manifestam este conflito ao relatar que, enquanto ficam contentes com

a presença de homossexuais na congregação, sentem-se obrigadas a pregar contra a homossexualidade como comportamento contrário aos mandamentos de Deus, demonstrando a tensão entre a prática de acolhimento e a manutenção da ortodoxia religiosa.

Essa abordagem, que pode ser considerada sutil, acaba por disfarçar a desaprovação religiosa sob uma capa de aceitação superficial, o que culmina na criação de um ambiente onde os homossexuais são tolerados, mas não plenamente aceitos ou mesmo respeitados. As respostas das pastoras, que compararam a homossexualidade a vícios ou doenças, exemplificam como a homofobia pode ser manifestada de forma velada, reforçando normas heteronormativas enquanto se evita uma retórica explicitamente discriminatória. Ainda sobre as pastoras, é importante destacar que elas exercem uma influência significativa na formação das crenças e valores dos membros da congregação. Essa influência, por sua vez, incide diretamente sobre as percepções e atitudes dos fiéis em relação às questões de gênero, sexualidade e diversidade.

#### **4 A vida da mulher cristã em Tocantinópolis**

De acordo com Durkheim, como já visto anteriormente, o profano e o sagrado são duas categorias dicotômicas que estão presentes no cerne das religiões, sobretudo aquelas de origem cristã. As noções de sagrado e profano estiveram presentes nas falas das interlocutoras desta pesquisa; seja nas formas como elas descreveram o que é ser mulher; ou ainda nos comportamentos que foram elencados quando do cuidado para com o lar, os filhos e os maridos; ou ainda nas maneiras adequadas de se vestir e maquiar, ou seja, como elas devem exteriorizar seus corpos nos espaços públicos. Da mesma maneira as noções de sagrado e profano foram evocadas nos momentos em que elas falavam sobre sexualidades divergentes. Para elas a homossexualidade é uma conduta profana, pecaminosa, que deve ser coibida.

As entrevistadas deixam evidentes que os papéis de gênero de homens e mulheres, bem como as sexualidades que devem ser seguidas, são orientados e construídos a partir dos ensinamentos religiosos. É a religião quem dita sagrado/certo/a ser seguido e o profano/errado/a ser evitado. Quem por ventura não se enquadre nas regras e prescrições religiosas estará cometendo pecado. Pudemos entrever a partir das respostas das nossas interlocutoras que elas têm funções estabelecidas dentro e fora do lar, e mais, que essas funções também são orientadas por preceitos religiosos.

Segundo as entrevistadas, a vida e comportamentos da mulher cristã mudam no momento em que elas “escolhem viver para Deus”. Para isso, as atividades do mundo mundano e não-religioso se tornam distantes e inacessíveis, ou nas palavras delas “todas as coisas são lícitas, mas nem todas me convêm”. Nesse sentido, as festas e os eventos sociais que não sejam promovidos pela igreja são interditados. Da mesma forma lugares que vendem bebidas alcoólicas não devem ser frequentados; e pessoas que consomem álcool e/ou cigarro não podem fazer parte do círculo íntimo e/ou próximo delas. Algumas interlocutoras afirmam que “foi necessário abandonar o mundo para viver como Deus queria”, afinal para elas, este comportamento é o correto a ser seguido. Essas mulheres afirmaram que suas igrejas não as restringiam em suas liberdades individuais, pelo contrário, diziam-se livres para fazerem o quisessem, porém “nem tudo que queremos deve ser feito”. Pudemos perceber que a maioria das mulheres entrevistadas não reconhecia a igreja enquanto uma instituição de poder, ou mesmo de controle que restringe ou limita determinadas condutas. Segundo elas, “as igrejas têm suas normas que devemos cumprir, para então viver conforme seja a palavra genuína de Deus”.

Podemos perceber, no contexto das nossas interlocutoras, que seus corpos, vidas e experiências são conformados e adequados de acordo com os propósitos religiosos da doutrina que elas seguem. Ser mulher, portanto, é desenvolver suas funções de boa mãe, boa esposa e adjutora do lar. Da mesma forma, ser mulher é performar um papel de gênero que inclui noções do que é sagrado, de acordo com a religião seguida, e que vai ao encontro às noções de recato – nas vestes e na maquiagem, por exemplo – e sexualidade heterossexual.

Ainda na discussão sobre os dados de pesquisa que foram aqui apresentados faz-se necessário trazer para este artigo as discussões da teóloga Wanda Deifeldt. Deifeldt aborda a teologia de uma perspectiva feminista e inovadora, uma vez que questiona as concepções mais tradicionais do cristianismo. Na obra publicada em 1992, intitulada “Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: a Bíblia das Mulheres”, ela discorre sobre o contexto e processo pelo qual se deu a criação da Bíblia das Mulheres, editada pela ativista feminista estadunidense Elizabeth Cady Stanton em meados de 1810.

A idéia de Elizabeth Cady Stanton com a Bíblia das Mulheres era revisar os textos que diretamente se referiam às mulheres e aqueles nos quais as mulheres são excluídas. O projeto inicial era que os comentários fossem feitos por um grupo de mulheres na Europa e nos Estados Unidos. As participantes

seriam selecionadas segundo as suas capacidades acadêmicas. Algumas especialistas em grego e hebraico iriam traduzir os textos e estudar o significado de palavras-chaves nos textos. Outras iriam se concentrar em questões históricas, manuscritos antigos e versões atuais da Bíblia (Deifeldt, 1992, p. 7).

Dessa forma, as acadêmicas se encarregaram de estudar com afincos os detalhes da bíblia cristã. Ao fazer isso perceberam que apenas um terço do livro trazia passagens sobre personagens femininas e essas personagens eram representadas ora profanas (Maria Madalena e Eva), ora sagradas (Maria, mãe de Jesus). Segundo as acadêmicas, essa dicotomia era prejudicial e precisava ser revista; assim elas teceram comentários sucintos e claros que deveriam apresentar uma nova perspectiva da condição da mulher no contexto das religiões cristãs:

○ O objetivo dos comentários não era a elaboração de prêdicas ou ensaios científicos. Os comentários eram breves para manter a Bíblia das Mulheres pequena e acessível ao público. O objetivo era mostrar às pessoas comuns que Deus não havia escrito a Bíblia pessoalmente; que a cena do jardim, descrita em Gênesis, não passava de um mito; que as mulheres não podiam ser consideradas responsáveis pelos pecados do mundo; e, acima de tudo, que a vontade de Deus não era a submissão das mulheres. Os teólogos renomados não ousariam adotar esta perspectiva porque ela iria abalar os fundamentos da fé: tirando o pecado de Eva, não haveria necessidade de serpente, queda, juízo final, purgatório, ou até mesmo um salvador. Sem a possibilidade de culpar as mulheres se arrancaria o tapete debaixo dos pés da teologia cristã (Deifeldt, 1992, p. 7).

Stanton almejava desconstruir a ideia de que, na história da bíblia cristã, as mulheres eram a origem de todo ato profano e, conseqüentemente, de distanciamento de Deus. Da mesma forma, a autora buscava apresentar que a bíblia em questão foi escrita por indivíduos, em sua maioria por homens, que estavam inseridos em determinados contextos e buscavam transmitir a ideia de que as mulheres deveriam permanecer subordinadas a eles. Stanton afirma que a bíblia cristã, portanto, é uma criação literária que possui um viés que estimula e aceita o controle dos homens sobre as mulheres.

As implicações hermenêuticas da interpretação bíblica de Elizabeth Cady Stanton são delineadas na introdução da Bíblia das Mulheres. Primeiro, a Bíblia não é um livro neutro, mas uma arma política e ideológica usada contra as mulheres em sua luta por igualdade. Segundo, a Bíblia foi escrita por homens e carrega consigo as marcas de homens que apenas

alegam que viram ou falam com Deus. Nesta sua postura crítica, a Bíblia das Mulheres apresenta os primeiros passos de uma hermenêutica feminista. Até a publicação da Bíblia das Mulheres, nenhuma mulher havia participado de um comitê de revisão da Bíblia. Mas, apesar de sua atitude crítica, o comitê não acreditava que a Bíblia deveria ser descartada. A Bíblia não deveria ser aceita ou rejeitada por completo, pois os seus ensinamentos e lições variam muito entre si (Deifeldt, 1992, p. 8).

Ainda que a Elizabeth Cady Stanton trate a bíblia cristã a partir de uma perspectiva feminista, até os dias de hoje tanto a Igreja Católica quando as religiões de origem pentecostal – na figura dos seus representantes homens – ignoram essa abordagem e, assim, continuam utilizando-se de discursos que cerceiam e controlam a vida, os corpos e as liberdades individuais das mulheres. Por outro lado, encontramos lideranças femininas religiosas que possuem papel importante em suas congregações no que diz respeito à defesa dos direitos das mulheres.

Citamos o exemplo da ONG Católicas pelo Direito de Decidir, que tem representantes em mais de 12 (doze) países no mundo e que tem como objetivo principal questionar determinadas leis eclesiásticas, sobretudo aquelas que estão relacionadas ao aborto, direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre o próprio corpo. Da mesma forma o grupo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), fundado no ano de 2015 por Valéria Vilhena e originado a partir das discussões do Fórum Pentecostal Latino-Caribenho (FPLC), atua contra as violências contra as mulheres religiosas, seja no espaço doméstico, no trabalho ou nas igrejas. O EIG possui páginas nas redes sociais e conta com quase 9 (nove) mil seguidoras.

## 5 Considerações Finais

A partir das leituras realizadas e também das respostas das nossas interlocutoras compreendemos que as mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis percebem e vivenciam os papéis de gênero, atribuídos aos homens e às mulheres, a partir da religião. Elas encontram nas personagens bíblicas de Adão e Eva, bem como em outras personagens como Maria e Maria Madalena, modelos que orientam e prescrevem as distinções e divisões dos papéis de gênero, bem como comportamentos que devem ser estimulados ou proibidos. Assim como Eva, que nasce da costela de Adão e a ele está vinculada por meio da união conjugal, às mulheres religiosas entrevistadas encontram no ambiente doméstico, no cuidado dos filhos e do marido, o espaço para o desenvolvimento da sua subjetividade e das noções do que

é “ser mulher”. Da mesma forma, para elas, existem padrões de vestimenta e comportamentos que são adequados às mulheres religiosas e que, conseqüentemente, devem ser estimulados. Esses padrões estão próximos da concepção que se tem sobre o que é sagrado e que, conseqüentemente, aproxima de Deus. Os comportamentos, vestes, lugares e pessoas que são considerados profanos, e que conseqüentemente afastam de Deus, devem ser banidos do cotidiano.

Nos discursos das mulheres entrevistadas pudemos perceber um padrão heteronormativo sobre os comportamentos afetivos e sexuais. Heteronormatividade pode ser considerada, portanto, uma forma arbitrária de ditar que homens e mulheres devem ser, compulsoriamente, heterossexuais. Da mesma forma, dita-se que existe apenas uma maneira “correta/aceitável” de viver papéis de gênero, desejos, afetos e sexualidades. Logo podemos considerar que as religiões, sobretudo as cristãs, podem ser compreendidas enquanto catalisadoras dos padrões heteronormativos. Da mesma forma, este padrão de fez presente nos discursos das mulheres entrevistadas, nos quais quaisquer outras formas de desejos, afetos e/ou sexualidades foram considerados pecados e/ou profanos, devendo ser coibidos e reprimidos.

Apesar das religiões de origem cristã reiterarem a dicotomia de gênero, temos conhecimentos de movimentos políticos e sociais que são capitaneados por mulheres religiosas, como por exemplo a ONG Católicas pelo Direito de Decidir e o grupo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), que atuam em defesa das mulheres. Essas novas associações buscam por novas interpretações da bíblia, para que os discursos de ódio e violência contra mulher possam ter um fim. Da mesma forma essas associações são espaços possíveis para atuação política e social em defesa dos direitos das mulheres religiosas, uma vez que propõem o fim da violência contra as mulheres, bem como a emancipação das mesmas no que diz respeito aos seus corpos, vidas, afetos e sexualidades.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

**Católicas pelo Direito de Decidir**. 2021. Disponível em: <<https://catolicas.org.br/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo, Boitempo, 2021.

COSTA, Waldney. “Religião na Perspectiva Sociológica Clássica: Considerações sobre Durkheim, Marx e Weber”. In: **Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Ciência da Religião**, Juiz De Fora, v. 14, n. 2, pp. 03-24, Jul-Dez, 2017. Disponível Em: <<https://www.ufjf.br/Sacrilegens/Files/2018/03/14-2-2.pdf>>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>>. Acesso em: 15 de agosto de 2023.

DEIFELDT, Wanda. “Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: A Bíblia das Mulheres”. Editada Por Elisabeth Cady Stanton. In: **Estudos Teológicos**, Vol./ N°. 32/1, pp. 5-14, 1992. Disponível Em: <[http://est.com.br/Periodicos/Index.Php/Estudos\\_Teologicos/Article/View/955/924](http://est.com.br/Periodicos/Index.Php/Estudos_Teologicos/Article/View/955/924)>. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

DIAS, Luciano. **Fricção Interétnica no Futebol de Campo: Jogadores Apinajé e Jogadores da cidade de Tocantinópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais (Licenciatura). Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2021.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares Da Vida Religiosa**. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Fonte Editora Ltda, 1996.

FERREIRA, Erisvaldo Alves. **Docência e Gênero: Um Estudo sobre o Professor homem na Educação Infantil da rede municipal de ensino de Tocantinópolis - TO**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (Licenciatura). Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2021.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. In: **Cadernos Pagu**, 5, 1995, pp. 07-41. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em: 01 de julho de 2010.

MACEDO, Ana Gabriela.; Amaral, Ana Luíza (Orgs). **Dicionário da Crítica Feminista**. Edições Afrontamento, 2005. Disponível em: <<https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/dicionario-da-critica-feminista>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

**Mulheres Evangélicas pela Igualdade de Gênero**. Disponível em: <<https://mulhereseig.wordpress.com/>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

OLIVEIRA, Alesca Prado; ENOQUE, Alessandro Gomes. “Gênero e Religião: um olhar sobre a pesquisa atual”. In: **Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 22, ed. 020005, 2020

Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/download/8670146/29338/127026>>. Acesso em: 20 de março de 2021.

PEREIRA, Suellem de Jesus. **Articulando Gênero e Religião na cidade de Tocantinópolis - TO**. (Banner) Trabalho apresentado no I Encontro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Sobre Cidades e Imagens (Elaepci). Universidade Federal Do Maranhão (UFMA), 2019.

\_\_\_\_\_. **Ser mulher é exercer com competência várias funções no lar:** neopentecostalismo e a categoria gênero. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais (Licenciatura). Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2022.

PEREIRA, Suellem de Jesus; PISANI, Mariane da Silva. “Articulando Gênero e Religião na cidade de Tocantinópolis - TO”. In: **44º Encontro Anual da ANPOCS**, 2020, Remoto. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS. De 01 a 11 de dezembro de 2020, na forma remota., 2020. pp. 1-8. Disponível em: <<https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/zNToiYToxOntzOjEwOiJ-JRF9BUIFVSVZPIjtzOjQ6ljQwMzgiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiYzA3Mz-dkZDE5YTg3Mzk4YzcyOjMjIjRhMGQ4OWFiODgiO30%3D>>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

PISANI, Mariane da Silva. “Acesso, dificuldades e permanência indígena no ambiente universitário: a monitoria indígena nos Cursos de Pedagogia e Ciências Sociais (UFT/Tocantinópolis)”. In: CÂNCIO, Raimundo Nonato de Pádua. (Org.). **Reflexões sobre acesso ingresso e permanência de estudantes indígenas na Universidade Federal do Tocantins**. 1. ed. Tocantinópolis: EDUFT, 2020, p. 11-21.

\_\_\_\_\_. “Gênero, Sexualidades e Diversidade”. In: ANDRADE, Cleide Lugarini de; KLEIN, Luiz Fernando; SILVA, Marli Patrícia da. (Org.). **Cultura de paz, gênero e prevenção ao uso de drogas (caderno de educadoras e educadores)**. v. 1. 1. ed. São Paulo: Fundação Fé e Alegria, 2015, p. 49-80.

RAMOS, Jailson Sousa. **“Ser Feirante” na Feira Livre de Porto Franco, Maranhão**. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais (Licenciatura). Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2021.

SANTOS, Elizete Pereira. **As representações de gênero e sexualidade nas quadrilhas juninas de Tocantinópolis, TO**. (Banner) Trabalho apresentado no I Encontro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (Elaepci). Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2019.

SILVA, Edglesya Sousa. **Complexidades da Violência Doméstica na cidade de Tocantinópolis: Uma abordagem antropológica**. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais (Licenciatura). Tocantinópolis, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, Jul./Dez. 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewfile/71721/40667>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

Recebido em agosto de 2023.

Aprovado em maio de 2024.